

A Pororoca

HENRIQUE AZEVEDO SANT'ANNA

Geógrafo do CNG.

Já próximo ao oceano, amplo e majestoso o rio Amazonas corta a imensa planície, fluindo morosamente de encontro as águas do mar. É o fim de uma longa jornada, durante a qual recebeu as águas de diversos outros rios, teve seu curso comprimido em estreitas gargantas, onde suas águas rolam vertiginosas em turbulentas corredeiras, e posteriormente alargado em amplas baixadas.

É na sua foz, de águas permanentemente revôltas, devido a pressões exercidas por correntes opostas de densidade diversas, que se opera o fenômeno de que nos ocupamos. Dessa luta incessante, que ora uma, ora outra massa d'água leva de vencida, infiltrando-se por quilômetros, surge, por vêzes, o resultado dêsse embate em forma de volumosa onda, que inflete em direção inversa a corrente levando de roldão tudo o que encontra em sua passagem, quebrando a paz reinante nas suas margens. É a famosa pororoca.

Ao pressentir a sua chegada, denunciada por estrondoso som que vem reboando profundamente, todos se apressam em retirar as pequenas embarcações poitadas nas margens, colocando-as a salvo da fúria avassaladora da muralha d'água, que ascende célere correnteza acima.

A ocorrência da pororoca se verifica não só no baixo Amazonas, como também em outros rios de sua bacia, tendo-se observado ainda em certos rios do Maranhão, na foz do Araguari e outros.

O fenômeno não se restringe apenas a rios brasileiros, pois se conhece a existência dêle no Yang-tse-Kiang, onde se denomina bore, em alguns rios da Índia, e no Sena como mascaret. Tal fato não diminui a importância da sua ocorrência no Brasil, onde tem sido descrito por numerosos viajantes e cientistas, sendo mencionado, com freqüência, pelos ribeirinhos, que o exaltam e lhe dão caráter de lenda e supersticiosidade, e que justifica o interesse que tem despertado, especialmente no rio Amazonas, onde supera em magnitude os similares estrangeiros.

Admitido, na concepção geral dos entendidos, como resultantes do choque das águas do rio e do mar, em certas condições de marés e direção de correntes marinhas, êste fenômeno, todavia, ainda não foi definitivamente esclarecido.

Diversos comentários e uma infinidade de artigos têm sido escritos sobre o assunto e na Revista Brasileira de Geografia, Ano V, n.º 1, consta interessante comentário de Amílcar Botelho de Magalhães: "Do Rio Amazonas e da Pororoca", onde analisa trechos de vários autores, complementado por uma bibliografia que denominou "Acheias para uma Bibliografia da Pororoca Amazônica", dos quais transcrevemos os excertos que se seguem, por julgarmos de grande importância:

— "A pororoca é um simples fenômeno de maré. Dá na época de lua cheia, com as "águas vivas". A corrente marítima que vem das Canárias para as Pequenas Antilhas, beirando a costa brasileira desde Pernambuco, ao passar pelo equador, encontra aquela assombrosa força d'água, perturbando a sua marcha. Com êsse empurrão de duzentas milhas, a corrente sofre forte influxão do seu curso, dando lugar



BARDOZA/CITE
67

a esse movimento tumultuário, desordenado, de contra-correntes, apertadas entre esse setor do litoral e a parede d'água doce do Amazonas". (transcrito de autor não citado, por Mário da Veiga Cabral)

— "Na foz do Amazonas, contrariamente ao que sucede com os outros rios, vimos que o mar não consegue penetrar no estuário sob a influência das marés: o volume de água doce que se despeja com força é tão considerável que é esta que repele a água salgada e avança pelo mar a dentro, a grande distância, em um largo lençol que se inclina para o norte sob o impulso da Corrente Equatorial. Por ocasião das grandes marés, isto é, durante os três ou quatro dias que precedem ou seguem a lua nova (marés de sizígias), principalmente nos lugares em que a força da corrente ficara retida por longo tempo, a chegada da maré, quando, entumescidas cada vez mais contra este obstáculo móvel, as águas do mar fazem, afinal, refluir as do rio; há uma brusca ruptura de equilíbrio e a massa líquida acumulada se precipita para trás, com violência, aumentada esta ainda pelos ventos reinantes; chegada a um lugar em que um travessão, ou um empolamento do leito sobreleva o fundo, ela não encontra mais, na secção assim reduzida, uma passagem suficiente. Um entumescimento mais acentuado se manifesta na massa líquida e, repentinamente, se formam três enormes vagas, algumas vezes quatro, de três e quatro metros de altura, se sucedendo de perto e se stendendo de margem a margem. Refluindo rio acima e também nas costas do cabo Norte, essas ondas da pororoca, com impetuosidade e estrondo, viram, arrastam e submergem tudo quanto encontram. Em dois ou três minutos deixam atrás de si as águas do rio niveladas às do oceano, elevando assim, dum golpe, a maré à sua altura máxima, para atingir a qual, gradualmente, nos outros lugares, são exigidas seis horas" (Paul Le Cointe).

— "Muito se tem escrito acêrca da pororoca, mas ainda ninguém conseguiu explicar esse assombroso fenômeno. Diz-se, gralmente, que o impulso das águas do rio e a repulsão que sofrem das do mar, motivam a pororoca.

"Entretanto, manifesta-se ela também em alguns rios e em alguns lugares onde é absolutamente nula a influência do mar, como no rio Purus, na distância de 690 milhas da foz" (Francisco Bernardino de Sousa)

Ao concluir, assim se expressa Amílcar Botelho de Magalhães:

— "...tenho para mim que o fenômeno ainda exige, para deslumbrar a humanidade e divertir os sábios e os turistas com sua aparição tumultuosa, a cooperação de um fator decisivo para deflagrar e que é a ação dos ventos dominantes, coordenados com o empuxo das marés altas. Estas duas forças convergentes, aplicadas em sentido contrário ao da descarga do portentoso Amazonas, impedindo, em determinados momentos, o escoamento para o mar, provocam a reação fluvial com que o grande rio, impotente, se revolta contra a efêmera derrota que lhe inflinge o oceano, encrespando a juba leonina e rugindo ferozmente, a sacudir o próprio corpo em contorsões diabólicas, enquanto recua vencido, leito acima, levando no dorso encrespado e entumescido, a espuma raivosa dos ginetes que saltam, empinam e corcoveiam para alijar o domador que lhe tolhe a liberdade!..."

É ainda no trabalho de Botelho de Magalhães que vamos encontrar algumas interpretações sobre o significado do termo pororoca, indiscutivelmente de origem indígena: como poro = rebentar e roca = em casa (autor não mencionado); estrondante (Batista de Castro); poroc-poroc, em dialeto indígena do baixo Amazonas, = destruidor (Barbosa Rodrigues).

Importante por suas repercussões, a pororoca é interessante elemento do quadro regional amazônico e um dos muitos aspectos que despertam a curiosidade geral e o interesse científico dos estudiosos das coisas de nossa terra.